

Pedagogia da morte

Fernanda Lima*
REPORTAGEM
fernanda.lima@redabahia.com.br

Dentro de igreja de Salvador, escola ensinava a 'morrer bem'

Todos os domingos, pouco antes das 15h30, o sino da igreja do Colégio dos Jesuítas – hoje Catedral Basílica de Salvador –, no Terreiro de Jesus, soava. Era a convocação para alguns aprendizes que, no interior da igreja, reuniam-se próximo ao altar lateral de Nossa Senhora das Dores. Da sacristia saíam o padre, um diretor espiritual e outros quatro religiosos. Tudo aquilo era a preparação para uma aula. E a igreja, claro, virava uma escola. Não, não uma qualquer: era a chamada Escola do Bem Morrer.

E não tinha nada de macabro. Naquele tempo, no final do século XVII, os alunos aprendiam a morrer e, portanto, a viver bem para alcançar uma morte digna. E embora esse tipo de aprendizado tenha ficado para trás, a única escola da morte já existente na capital baiana, envolta em mistérios e desconhecimentos, ainda revela seus vestígios nos mínimos detalhes da Catedral. A catedral da finitude da vida.

A Escola do Bem Morrer foi uma confraria pensada pela Companhia de Jesus, o símbolo de uma época e de uma filosofia. Começou a funcionar, ao que tudo indica, no ano de 1682, por obra dos jesuítas. Um espaço, inclusive, aparentemente democrático.

Não havia cobrança ou restrição por classe social e gênero para a seleção dos alunos. O importante era comparecer, religiosamente, aos domingos, sempre no meio da tarde, para os encontros da escola. Durante mais de uma hora, provavelmente em pé, os alunos escutavam os caminhos para a salvação, para uma morte tranquila. Enfim, falavam da passagem da vida, como acreditavam os jesuítas.

A escola da morte baiana teve a história encoberta por um véu de invisibilidade até que a historiadora e pesquisadora Luciana Onety, numa visita à página online da Biblioteca Nacional de Portugal, descobriu a existência de confrarias para a morte. No mundo, foram, pelo menos, 21 escolas do Bem Morrer. Em 2014, ela publicou a dissertação de mestrado: A Presença



São Francisco Borja, com uma caveira na mão, é o próprio guardião da morte na Catedral Basílica



Na mentalidade jesuíta, ir para o purgatório é desejado. Lá, há necessidade da justiça, é hora de pagar pelo que fez, mas há, também, misericórdia
Luciana Onety

Historiadora e pesquisadora que descobriu a existência de confrarias para a morte

da Pedagogia de Bem Morrer na Cidade da Bahia, defendida na Universidade Federal da Bahia (Ufba). Sim, a morte tornou-se uma pedagogia na Bahia.

PURGATÓRIO

No maior símbolo de sua localização na Cidade da Bahia, a hoje Catedral Basílica, os jesuítas discutiam a morte numa época sem hospitais ou qualquer medicalização. O

fim da vida ocorria em casa – e era preciso estar preparado, espiritualmente, inclusive. Os jesuítas também enxergavam a morte numa ponderação entre o medo e a confiança.

“Na mentalidade jesuíta, ir para o purgatório [para onde vão as pessoas, segundo a religião católica, antes de partirem para o céu ou inferno] é desejado. Lá, há necessidade da justiça, é hora de pagar pelo que fez, mas há, também, misericórdia”, ensina a pesquisadora.

A morte era uma passagem temível, mas inevitável. O purgatório, por sua vez, um local de esperança. “Para o céu dificilmente alguém iria, porque ninguém é santo”, brinca a historiadora. A Escola do Bem Morrer era, portanto, um local de remissão dos pecados.

Os matriculados tinham uma lista de deveres. Deles, vinham os benefícios, como lista a historiadora: inscreveu-se na confraria? Perdão dos pecados cometidos até aquele momento. Confessou os pecados? Sete anos e sete quarentenas de perdão. Rezou cinco pai-nossos e ave-marias? Dois meses de pecados perdoados. “Claro que isso também atraiu os fiéis em busca do purgatório, da salvação. Existiam os benefícios”, alerta Onety.

DOIS MIL ALUNOS

Somados os benefícios, o medo da morte e a busca pela plenitude, a escola começou a atrair cada vez mais aprendizes. Nos cálculos de Luciana Onety, a única a pesquisar a confraria, foram duas mil assinaturas até o fechamento da escola. A época, numa Salvador com não mais de 25 mil habitantes, um número expressivo – cerca de 8% da população. “Só não foi possível confirmar o perfil desses estudantes ou se, por exemplo, escravos podiam frequentá-la”, explica.

Na escola, faziam, principalmente, orações para a morte e os exercícios espirituais. Quando um ou outro aluno acreditava estar perto da morte, entregava um documento ao padre em busca de novas preces pela alma.

O aprendizado para bem morrer, no entanto, foi interrompido em 1759. Naquele ano, o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas. Não havia mais professores. Eles, que até então eram os guardiões da pedagogia da morte no Brasil, foram considerados rebeldes, traidores, adversários e agressores – depois, forçados a fugir com a bagagem de ensinamentos. Sem os jesuítas, a morte foi colocada novamente no invólucro do mistério absoluto.

*COM SUPERVISÃO DAS EDITORAS MARIANA RIOS E CLARISSA PACHECO



Dois altares colaterais que trazem 30 mártires da Igreja

Símbolos permanecem na Catedral Basílica

Se a Escola do Bem Morrer desapareceu junto com os jesuítas, os símbolos da morte ficaram espalhados pela Catedral, a igreja mãe de todas as outras de Salvador, inaugurada em 1672. A exaltação à morte surge na fachada da Basílica. “Olhe para cima”, provoca Luciana Onety. Lá está: São Francisco Borja com uma caveira na mão. “É o primeiro vestígio da morte na igreja? O que significa?”, pergunta a reportagem. “É um desafio, ele desafia a olhar a morte”, explica Luciana. Os turistas passeiam sem levantar os olhos para os sinais, sem seguir o desafio.

É o próprio São Francisco de Borja o grande guardião das palavras sobre a morte. Percebeu, numa experiência catártica, a força da morte diante da arrogância dos vivos. Responsável pelo transporte do cadáver da Rainha Isabel de Portugal desde Toledo, na Espanha, até Granada, percebeu como a morte estava acima de todas as coisas.

Quando viu a rainha, uma das mais belas do reino, completamente deformada, concluiu: “Não servirei ninguém mais senão a Deus. Não servirei ninguém que possa ser levado pela morte”.

●● Não servirei ninguém mais senão a Deus. Não servirei ninguém que possa ser levado pela morte
São Francisco de Borja

Santo cuja imagem está na Catedral Basílica

Mas São Francisco Borja está longe de ser o único símbolo da morte por ali. A entrada na Catedral é logo seguida por outras referências à reta final da vida. Dos lados esquerdo e direito, há dois altares colaterais que trazem 30 mártires da Igreja – 15 mulheres de um lado, 15 homens do outro. As relíquias são os pedaços da morte.

ENSINAMENTOS

Pouco mais à frente, o altar colateral de São Borja também relembra a morte. Notavelmente, ele segura uma caveira. Dessa vez, sobre um livro. “Pode ser tanto um livro de ensinamentos sobre a morte ou a Bíblia”, explica Luciana. Na sacristia, o rosto em madeira e o busto em prata de São Francisco Xavier, o padroeiro de Salvador, traz no peito uma gota de seu próprio sangue.

“Talvez nem esteja mais aí. Mas é outro sinal de como estamos cercados de referências à finitude da vida”, afirma.

Os guias convidam os turistas a conhecerem a igreja sem qualquer menção à morte exibida nos corredores, nos altares, nos santos. A Catedral Basílica tem uma parte de sua história ignorada pelo desconhecimento.

●● Talvez nem esteja mais aí. Mas é outro sinal de como estamos cercados de referências à finitude da vida
Luciana Onety

Pesquisadora, se referindo a uma gota de sangue na imagem de São Francisco Xavier

Chão de igreja guarda lembranças da morte

O chão da Catedral Basílica e de outras igrejas de Salvador também guarda lembranças da morte. Sob os pés dos fiéis há corpos enterrados de beneméritos dos respectivos templos. Lê-se, em alguns túmulos: “Uma prece por sua alma”. Naquela frase, um sinal da importância de lembrar do fim dos que já foram.

Até 1836, as igrejas foram superlotadas de corpos – exceto os de escravos, enterrados, pelo que acreditam historiadores, num cemitério mais parecido com um aterro, na região hoje conhecida como Campo da Pólvora. Pouco a pouco, já não aguentavam tantos novos ‘moradores’.

A tradição de ser enterrado nas igrejas surge como herança da tradição romana. Antes enterrados em catacumbas espalhadas pela cidade, uma vez incorporado ao cristianismo, os mortos migram para o chamado solo



Sob os pés dos fiéis há corpos enterrados de beneméritos da Catedral

sagrado das igrejas. “Só assim poderia existir a possibilidade de salvação da alma”, explica o bacharel em História e membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) Jaime Nascimento.

A localização do morto era, também, um símbolo de poder. Quanto mais perto do altar mais poderoso o morto. Na hoje Catedral Basílica, inclusive, estão sepultados alguns ilustres, como Mem de Sá, o terceiro governador do Brasil, o cardeal dom Lucas Moreira Neves, além do cardeal dom Avelar Brandão Vilela. “Quanto mais perto do altar, mais chance de salvação”, brinca.

E, quando proibido o enterro nos ditos solos sagrados, em 1836, ocorre o “extraordinário”, nas palavras do historiador João José Reis, no seu A Morte É uma Festa, livro que conta os episódios da chamada Cemitéria.

O levante começou com uma manifestação de protesto convocada pelas irmandades e ordens terceiras de Salvador, contrários à inauguração do Cemitério Campo Santo, concretizada apenas em 1844. A ordem, na época, era que todos os sepultamentos fossem feitos no novo cemitério e, portanto, longe do solo sagrado das igrejas.

ASSINE O CORREIO E EXPLORE SEU MUNDO NO FESTIVAL DE VERÃO

Assinatura a partir de **R\$ 9,90** /mês

ASSINE & GANHE 2 INGRESSOS

8 e 9 DEZEMBRO
ARENA FONTE NOVA

JORGE E MATEUS

ASSINE JÁ!
correio24horas.com.br/assine
OU LIGUE: 71 3533-3030 (CAPITAL) 0800-285-3343 (DEMAIS LOCALIDADES)
 Promoção válida até 30/11/2018 ou enquanto durarem os estoques de ingressos.
 Confira o regulamento no site.